



SESSÃO COORDENADA “HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA”

COORDENADOR:

OSMAR LUIZ DA SILVA FILHO

O TERCEIRO NEGRO DO BRASIL: O CÔNCAVO E O CONVEXO NA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E IDENTITÁRIA BRASILEIRA

*CÍCERO COSTA RODRIGUES DOS SANTOS*¹⁴⁴
rodrigueshistorian@yahoo.com.br

RESUMO

O vocábulo Negro traz consigo uma carga histórica estigmatizada pela Escravidão, desde os primórdios de nossa historiografia, quando o alemão Carl Friederich Phillip Von Matius, ganhou o concurso monográfico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, “Como se deve escrever a História do Brasil”, com o escrito a História Geral do Brasil, no qual divide a sociedade em três grupos: o Branco, o Índio, o Negro. Passado quase um século da replicação da Ideologia Eugênica Europeia, prefalada anteriormente e pormenorizada no decorrer do estudo, surge Gilberto Freyre com o livro “Casa-grande e Senzala” e apresenta uma “Democracia Racial” falaciosa, mas que, contribuiu para entendermos melhor a miscigenação racial brasileira.

Palavras-chave: Negro; estigmatizada; miscigenação racial; ascensão.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a observação dos óbices à ascensão do Negro no Brasil, os movimentos sociais e suas incursões no sentido de ampliar a mobilidade socioeconômica deste elemento social e as ações governamentais para inserção na sociedade, permitindo acesso e permanência na graduação e pós-graduação, uma vez

144 Graduated by the Universidade Federal do Rio Grande do Norte in 2008.

que a reportagem a seguir embora apresente uma realidade estadunidense em muito assemelha-se à brasileira, qual seja, “Even with affirmative Action, Blacks and Hispanics are more Underrepresented at top Colleges than 35 years ago¹⁴⁵.”

A discrepância quantitativa de Negros no Ensino Superior em relação à representação populacional é algo estarrecedor, a miúdo apresentaremos as pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, acerca da temática. Presenciamos em loco essa realidade, pois em maio de 2003 ingressamos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no curso de História, ao adentrar na sala de aula para a primeira e única disciplina no semestre (por ser conscrito da FAB, não nos foi autorizado pelos superiores hierárquicos, cursar na íntegra), todas as atenções voltaram-se para o ‘milico’. O professor da disciplina Introdução ao Estudo de História iniciou a chamada, enquanto olhando em volta buscava um rosto amigo/conhecido sem lograr êxito. Ao término da aula, não tendo como interagir com os demais pois, tinha que retornar ao quartel, com um questionamento que somente na aula seguinte se confirmou, em uma sala com 30 (trinta) alunos, apenas 04 (quatro), eram Negros, ou seja, menos de 20% do total. Esta era/é a realidade educacional do Negro no Brasil, desde o fim da escravidão, o Direito à Educação perdura sendo tolhido por ações excludentes e reações efêmeras. A Educação, fator ‘sine qua non’ para a transformação do Ser, nunca foi alvo de ações eficazes e eficientes do Governo.

Contudo, somente no 5º período ao assistir um vídeo em que é apresentado um astronauta Negro, ao ser interpelado com espanto por um colega, inquietamo-nos com a temática. A forma simples e espontânea com que ele falou, “nossa um astronauta Negro”, e ao olhar-nos tentou consertar, “não que um Negro não possa ser astronauta”. Aquela situação não nos causou indignação e/ou repulsa ao colega, mas, asseverou alguns questionamentos antigos.

“O racismo do século passado não foi um elemento onipresente na espécie humana, uma distorção encoberta pelas cópulas desenfreadas entre as raças, mas uma construção ideológica fruto de conjunturas históricas, na qual interesses materiais das classes dominantes encontraram uma justificativa científica para a importação de europeus, e a inferiorização da maioria dos brasileiros”. (EISENBERG, 1987 apud Azevedo, p.12, 2004).

145 New York Times, by Jeremy Ashkenas, Haeyoun Park and Adam Pearce. Aug, 24, 2017.

Esta afirmativa nos induz a inferir que a ideologia da Democracia Racial era falha, pois, a amálgama genética e cultural não sobrepujou a Eugenia apregoada no Brasil nos primórdios do Império, a qual espargiu no esmaecer da República os obstáculos materiais e imateriais para a aceitação e ascensão do elemento Negro, na sociedade Brasileira. O fim da escravidão e o surgimento da República não foram garantias de Cidadania, o Direito Civil, Político e Social (foram inaplicáveis ao novo elemento social), não facilitaram a inserção dos Negros libertos que, adensaram as favelas, a criminalidade, a violência e o analfabetismo, heranças do velho sistema.

Qual a origem dessa ideia aviltante do Negro? Qual o motivo de nossa historiografia respaldar e/ou promulgá-la? Seria verdade a inexistência de intelectuais Negros no Brasil? No afã de responder estas e outras perguntas apresentamos em dezembro de 2008 nossa monografia, ‘ O sequestro de Intelecto Negro no Brasil Oitocentista’.

Entretanto, elencar intelectuais Negros do período, questionar a interferência da Eugenia em nossa historiografia e apresentar querelas imateriais inter e intrapessoais não saciaram o desejo por respostas. Notamos a necessidade de ampliar os estudos e mesclar as referências bibliográficas, pois para melhor responder estes e outros questionamentos, faz-se indispensável à observação da interferência da Escravidão nas macro e micro relações sociais do cotidiano.

“Ter consciência da inferioridade significa que a pessoa não pode afastar do pensamento a formulação de uma espécie de sentimento crônico do pior tipo de insegurança que conduz a ansiedade, e talvez algo ainda pior, no caso de se considerar a inveja como realmente pior que a ansiedade. O medo que os outros possam desrespeitá-la por algo que ela exiba significa que ela sempre se sente insegura em seus contatos com os outros; essa insegurança surge não de fontes misteriosas e um tanto desconhecidas como uma grande parte de nossas ansiedades, mas de algo que ela não pode determinar. Isso representa uma deficiência quase fatal do sistema do “eu” na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz “Eu sou inferior, por tanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas”. (GOFFMAN, p. 22, 1988).

A construção do Ser perpassa pela formação fisiológica, psicológica, cognitiva, intelectual e moral, durante estas etapas deve ser provido ao mesmo condições para a composição de uma identidade única, mas, atrelada e respaldada por um passado histórico,

que lhe forneça um elo, um sentimento de pertencimento que o auxiliará em suas relações com outros elementos sociais. No momento que esse atrelamento por motivos outros não favorece ao convívio ou o obstaculiza, o Ser em construção busca de forma consciente/inconsciente desvencilhar-se, assumindo nova identidade ou simplesmente negando a própria.

A interferência psicológica da Escravidão na construção e aceitação da identidade brasileira é perceptível na forma e na dimensão em todo o território, independentemente da estratificação socioeconômica em estudo, o afã de distanciar-se deste passado maculador é imprescindível para que esse elemento social tenha segurança em relacionar-se com os demais, sem que as barreiras de um conceito pré-existente obstaculizem esse processo social natural.

Contudo, o número de Negros que buscam ocultar sua genealogia em detrimento de uma aceitação social é algo rotineiro, desde os Movimentos Abolicionistas até a hodiernidade, ademais, com a ascensão social magicamente tornam-se “*transétnicos*¹⁴⁶”, pois quando “*atingem as mais elevadas posições no serviço público adquirem o “tom” ou “cor” de uma classe deferente daquela à qual pertencem pelo nascimento*” (GOFFMAN,2008, p.30).

“Quando Koster esteve em Pernambuco nos começos do século XIX notou que eram mulatos, na sua maior parte, os melhores mecânicos: mas notou também que já havia homens de cor entre os “ricos plantadores” – senhores das casas-grandes do interior – e os ricos moradores – moradores de sobrados – do Recife” (p.497-498)[...]“Mas esses poucos mulatos que chegaram a exercer, nos tempos coloniais, postos de senhores, quando aristocratizados em capitães-mores, tornavam-se oficialmente brancos” (FREYRE, p. 727).

Tal ocorrência ilustra/respalda o intento de Negros (afrodescendentes) do esmaecer da República buscarem a qualquer custo se distanciar desse passado aviltante, com vistas a uma aceitação e ascensão social.

Quando observamos grupos de negros lutando por medidas assistencialistas e/ou de reparação do Governo, questionamo-nos pela contrapartida, pela ação imorredoura e inerente a todo Ser, que é a busca por Liberdade.

146 Transétnicos: cunhamos esse termo para referendar os Negros que buscam de forma consciente ou inconsciente distanciar-se das origens, como também buscar assumir status de outro grupo étnico.

Libertar-se do estigma de inferioridade e de submissão, da necessidade do paternalismo estatal, da autoimagem depreciada e principalmente, do diminuto sentimento de pertencimento que respalda a dicotomia socioeconômica, cultural e historiográfica entre Brancos e Negros no Brasil.

Lançamo-nos ao Coliseu das ideias, com o intuito de provar que o Negro não é ‘mera variante humana do espaço físico’, mas, um agente social aguerrido em transformação. O dia 13 de maio não é/deve ser uma data emblemática para o Negro, pois a mesma oculta, restringe e oblitera a verdadeira História de luta e resignação/ressignificação do povo Negro.

O desiderato deste trabalho é decantar as informações, imagens, ideias e escritos sobre os Negros brasileiros, sobremaneira da primeira metade do século XX, contestando-lhes suas verdades e convicções. Para que desta maneira, possamos construir uma ‘Democracia democrática’, imbuída no bem comum, nas relações equânimes e na implantação plena dos Direitos vinculados à Cidadania.

Não descartaremos o Medo como dimensão histórica, pois a sombra da Revolução Haitiana pairava nas mentalidades das elites brasileiras que, almejavam de qualquer maneira desarticular, desacreditar e obstacular as ações de mobilidade do Negro, replicando discursos nacionalistas como os abaixo transcritos:

“A exaltação da pátria em frases abstratas, generalizadoras; a depreciação da pátria nos momentos em que uma argumentação racista aponta para a inferioridade da ‘raça brasileira’; o caráter considerado irrefutável desta inferioridade, responsável por um nacionalismo defensivo, que se omite quanto à questão racial; e, por fim, a demonstração de que amar a pátria significa modificar sua raça, purificando-a mediante a transfusão de sangue de raças superiores. Enfim, o problema de se forjar uma identidade nacional confluía para a questão insistentemente colocada pelos imigrantistas – a purificação racial, o que queria dizer não só substituição do negro pelo branco nos setores fundamentais da produção, como também a esperança de um processo de miscigenação moralizadora e embranquecedora”. (AZEVEDO, p.124)

Outrossim, de uma forma multidisciplinar com estudiosos da História Social, da Sociologia e Psicologia construiremos um caminho para o entendimento acerca da integração do Negro na sociedade brasileira do período em estudo. Doravante, todo e

qualquer pensamento ou escrito monóculo concernente a inserção, integração, apresentação e ascensão do Negro deve ser reavaliado/reescrito.

As ações afirmativas dos Negros devem ser repensadas excluindo destas o afã pelo assistencialismo governamental, pois, como disse Pe. Antônio Vieira, “*Não hei de pedir, pedindo, senão, justificando e argumentando, pois, esse é o direito de quem pede Justiça e não favor*”.¹⁴⁷

Hodiernamente é fácil perceber e mensurar o poder das palavras sejam elas expressadas de forma denotativa ou conotativa, estas regerão as relações inter e intrapessoais. Percebemos que ao longo de nossa evolução linguística e histórica, o vocábulo Negro foi vinculado a acontecimentos, situações e ideias pejorativas, tais como: Peste Negra, Câmbio Negro, ovelha Negra, humor Negro dentre outros utilizados costumeiramente.

Este condicionamento linguístico e comportamental gera interferência na construção do “EU” e no relacionamento com os outros, pois cria uma socialização estereotipada e dualista entre Brancos e Negros. Ao singrarmos por esta ideologia perceberemos seus efeitos nas querelas ideológicas comportamentais, tais como, a apresentada pelo escritor afro-americano Langston Hughes, em “The Negro Artist and the Racial Mountain.”¹⁴⁸

“One of the most promising of the Young Negro poets said to me once, “I want to be a poet – not a Negro Poet”, meaning, I believe, “I want to write like a White poet”; meaning subconsciously, “I would like to be a white poet”; meaning behind that, “I would like to be white”. And I was sorry the young man said that, for no great poet has ever been afraid of being himself.” (...) And the mother often says “Don’t be like niggers” when the children are bad. A frequent phrase from the father is, “Look how well a white man does things”. And so the word white comes to be unconsciously a symbol of all virtues. It holds for the children beauty, morality, and money. The whisper of “I want to be white” runs silently through their minds. (HUGHES, 1926)

147 Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal, I, apud Sermões, tomo I, org. Alcir Pecora, ed. Hedra, 2000, p.445

148 Disponível em:< <https://www.poetryfoundation.org/articles/69395/the-negro-artist-and-the-racial-mountain>>. Acesso em 06 out.2017

Portanto, o nosso intento não será criar uma verdade, mas, questionar as verdades acerca do Negro no Brasil, para entendermos como a estigmatização deste elemento social, interferiu e interfere não apenas em suas relações sociais, mas, em sua autoconstrução, na existência de uma identidade deturpada, de relacionamentos psicossociais fragilizados, por conceitos preexistentes, omissões pessoais e governamentais.

Almejamos, pois, instaurar reflexões acerca da autoidentificação/aceitação e/ou reidentificação, em detrimento da continuidade de ações estigmatizadas, como também, do paternalismo governamental. Para que enfrentamentos da ordem apresentada por Hughes abaixo transcrito, do prefalado trabalho, perdurem em nossos contatos diários, obstaculando a harmonização social no Brasil.

“We younger Negro artists who create now intend to express our individual dark-skinned selves without fear or shame. If white people are pleased we are glad. If they are not, it doesn't matter. We know we are beautiful. And ugly too. The tom-tom cries and the tom-tom laughs. If colored people are pleased we are glad. If they are not, their displeasure doesn't matter either. We build our temples for tomorrow, strong as we know how, and we stand on top of the mountain, free within ourselves”. (HUGHES, 1926)

Essas discussões devem ser regidas por uma multidisciplinaridade de ideias e informações, tendo em vista, que todo e qualquer elemento social não é apenas um demonstrativo econômico e político, mas, cultural, psicológico e sociológico, e nessa senda, faz-se necessário um estudo amplo e multidisciplinar para entendermos todas as nuances de aproximação e distanciamento na sociedade.

Outrossim, ao observarmos o quantitativo de negros nas universidades e pós-graduação, os desavisados pensarão de pronto na efêmera representatividade do Negro nas Pós-graduações (remetendo nossa observação para uma dualidade querelante entre Brancos e Negros), contudo, nosso olhar recairá sobre eles com o intuito de descobrirmos as façanhas, obstáculos e alianças político-ideológicas para tal desiderato.

Entretanto, não deixaremos de repudiar esta realidade desoladora que circunda a realidade do Negro no Brasil desde a fatídica Abolição, que em nenhum momento proveu ao novo elemento liberto condições para sua ressocialização, legando-o analfabetismo, violência e discriminação.

Almejo que este trabalho, traga inquietações e discussões acerca da socialização do Negro no Brasil, para que a fala do Dr. Martin Luther King Jr. ultrapasse as fronteiras do tempo e do espaço, *“I Am happy to join you today in what will go down in history as the greatest demonstration for freedom in the history of our nation”*¹⁴⁹

Ao assumirmos o compromisso com o estudo em epígrafe, asseveramos a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para que possamos de forma profícua observar as ideologias e comportamentos dos Negros e seus interlocutores, concernentes aos obstáculos existentes desde a construção de uma identidade até a plena integração com a sociedade.

Com o intento de demonstrar o acesso e permanência do Negro nas Universidades, durante a primeira metade do século XX, utilizaremos as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE, concomitantemente, elencaremos as ações afirmativas para realização do pleito deste indivíduo nas referidas instituições.

Lançando mão de estudos acerca da construção da identidade e dos óbices àquelas estigmatizadas, pleitearemos demonstrar a necessidade de reavaliar/readequar a forma de ver e ver-se Negro no Brasil.

Creemos que esse possa ser o primeiro passo para a implantação de uma real ‘Democracia Racial’, na qual, independentemente da cor da tez todos sejam indivíduos de Direitos e Deveres, tal como apregoa a Carta Magna desta República Federativa.

Ademais, os ademanos não podem ser utilizados de forma a criar uma cisão tão ignóbil e percuciente, que perdue a toda e qualquer perscrutação imbuída no apaziguamento das querelas inter e intrapessoais, constituintes de todas as formas e níveis de relacionamento.

Para o profícuo desenvolvimento e entendimento deste trabalho o dividiremos em 03 (três) partes, com o intuito de ampliar e direcionar a leitura para a importância de amalgamas disciplinares que, conjugadas poderão melhor explicar e recriar meios de avaliação e investigação das ocorrências históricas, partindo da premissa que todo elemento social interfere e sofre interferências, quais sejam econômicas, culturais e psicológicas.

149 Trecho do Pronunciamento – I have a dream. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P1YQs4Yprcc>>. Acesso em 06 out. 2017.

‘A margem da vida social organizada e de toda a esperança, sucumbe a própria inercia (...). O isolamento econômico, social e cultural do negro, com suas indiscutíveis consequências funestas, foi um produto natural de sua incapacidade relativa de sentir, pensar e agir socialmente como homens livres. Ao recusá-lo, a sociedade repelia, pois, o agente humano que abrigava, em seu íntimo, o escravo ou o liberto. (FERNANDES. 1978, p.46-95).

Em primeiro lugar, faremos uma contextualização do imaginário do Negro no Brasil desde a Abolição até meados da primeira metade do século XX, com o intento, de observar a existência e/ou inexistência de ações governamentais de inserção deste elemento social, como também, o efeito da reminiscência de um passado escravista interferindo nas relações sociais deste indivíduo. O monitoramento da questão educacional Negra neste período nos fornecerá subsídios para questionarmos a estratificação socioeconômica. Ensejando uma análise das ações, criações e produções acerca do Negro brasileiro, as quais não conseguiram romper com o viés da dualidade querelante entre Brancos e Negros.

Vislumbraremos nessa fase toda a psicofera¹⁵⁰ criada pelos Escravistas para a manutenção da submissão e subserviência do Negro, criando mecanismos de obnubilação e estigmatização que se espalharam pela sociedade em todos seus níveis e de todas as formas. Contudo, endossamos e comungamos do mesmo pensamento de Nelson Mandela, na autobiografia:

“I learned that courage was not the absence of fear, but the triumph over it (...). The brave man is not who does not feel afraid, but he who conquers that fear. I never lost hope that this great transformation would occur (...), I always knew that deep down in every human heart, there is mercy and generosity. No one is born hating another person because of the color of his skin, and if they can learn to hate, they can be taught to love, for love comes more naturally to the human heart than its opposite (...). Man’s goodness is a flame that can be hidden but never extinguished”. (MANDELA, 2008)

Inspirados nessas palavras, decantaremos as representações dos Negros no esmaecer da República, seja na Literatura, na Música e nas variadas formas de produção,

150 Psicofera: termo referente a atmosfera psíquica, ou seja, é um campo de emanções eletromagnéticas que envolvem o Ser Humano.

divulgação e armazenamento de conhecimento, com o afimco de verificar a existência e manipulação do pensamento eugênico em seus genes.

Em seguida, apresentaremos grupos e entidades do movimento Negro, suas ações e reivindicações, ou seja, como este elemento social buscava sua inserção na sociedade. Principalmente, buscando observar as interferências psicológicas aproximando-os ou afastando-os de suas origens. Culminando com o afã de detectar inovações, assimilações, pontos de concordância e divergência ao longo da trajetória acadêmica e socioeconômica dos Negros, para desta forma vislumbrarmos a busca por ações não assistencialistas, mas, pela construção de uma identidade personificada na introspecção e na autovalorização, respaldada por uma nova forma de escrever e ver a História.

Analisaremos caso a caso, ponto a ponto, para entendermos e remontarmos todas as diligências produzidas pelos Negros com o intuito de ascender socioeconomicamente na sociedade brasileira, enfrentando as correntezas ideológicas tal como os salmões, para fortalecer e garantir a perpetuação da espécie. O poeta escravista Castro Alves, na poesia *Vozes D'África*¹⁵¹, lançou o questionamento, “*Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?*”, sob o qual resenharemos possíveis respostas acerca do pleito, ou seja, a origem, promulgação e internalização do preconceito racial no Brasil.

Metodologicamente tentaremos criar um mosaico ideológico que além de desanuviar a questão da inserção do Negro na sociedade brasileira, corrobore com a criação de um novo paradigma acadêmico, que venha orientar as ações e movimentos acadêmicos e civis no tocante ao afã de medidas afirmativas.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Celia Maria de. *Onda Negra, Medo Branco: o Negro no Imaginário das Elites Século XIX*. 3. ed. São Paulo: Annablume.2004.

CAMPEDELLI, Samira, LAJOLO, Marisa. (Org.). *Castro Alves: Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural.1988.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, v.1, 1978.

151 A obra em epígrafe encontra-se na seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico por Mariza Lajolo e Samira Campedelli.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**. Ilustrações Cícero Dias e Antônio Montenegro. 41.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 15.ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Ordem e Progresso**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: Nota sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução, Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

_____. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução, Maria Celia Santos Raposo. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUGHES, Langston. **The Negro Artist and the Black Mountain**. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/articles/69395/the-negro-artist-and-the-racial-mountain>>. Acesso em 06 out. 2017.

MANDELA, Nelson. **The Autobiography of Nelson Mandela**. Back Bay Books/Little, Brown and Company. New York- NY, 2008.

PECORA, Alcir. (Org.). **Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal**, I. apud Sermões, tomo I. Pecora, ed. Hedra, 2000.

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG editora. 2012.

SANTOS, Cícero Costa Rodrigues dos. **O sequestro do Intelecto Negro no Brasil Oitocentista**. Monografia de fim de Curso, da graduação em História UFRN, 2008. YouTube. Pronunciamento Martin Luther King Junior: I have a dream. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fz_7luovxPc>. Acesso em 06 out. 2017.